



José Duarte Vannucchi

De Língua e de Literatura

(*) Mestre em Lingüística pela PUC-Campinas, 1976. Professor de Língua Portuguesa e de Prática de Ensino de Língua Portuguesa na Universidade de Sorocaba — UNISO



RESUMO

Este trabalho é, principalmente, o registro de despreziosas observações e reflexões que têm ocorrido ao seu autor, ao longo de muitos anos de sala de aula, lidando com as coisas da língua e da literatura. Corretas ou equivocadas, elas — as observações e reflexões — resultam do esforço para ver “as coisas pelo direito e pelo avesso”, como sabiamente recomendava Carlos Drummond de Andrade, de modo a enriquecer o conhecimento ou, se isto não for alcançado, ao menos enriquecer, pelo ato mesmo da investigação, o próprio conhecedor.

ABSTRACT

This article is mainly a record of some unpretentious observations and reflections that have occurred to its author after so many years in classrooms dealing with language and literature facts. Correct or mistaken, these observations and reflections arise from an effort to see “things inside in and inside out”, as Carlos Drummond de Andrade so wisely advised, in order to improve learning or, if this cannot be achieved, at least to improve the searcher’s knowledge through the act of investigation.

DE LÍNGUA

1. “Vexata quaestio”

O domínio da modalidade culta do Português seria condição indispensável para a ascensão social e para a chegada ao Poder? Exigir do falante o conhecimento e a prática do Português culto seria uma forma sutil de dificultar-lhe ou barrar-lhe o acesso aos círculos de decisão? Existe relação entre desempenho lingüístico e poder econômico?

2. Palavras...

Direto ao assunto: a) nem todas as palavras de uma língua estão nos dicionários: ou por falha dos lexicógrafos ou por qualquer outra razão; b) o fato de uma palavra não estar dicionarizada não significa que ela não existe; c) afirmar que uma palavra existe, potencialmente, significa afirmar que a língua tem mecanismos próprios para criá-la, a qualquer momento; basta que o falante (culto ou não) os acione, e teremos mais um neologismo.

3. Cultos, mas nem tanto

Há erros que são típicos das pessoas consideradas cultas. É o caso, por exemplo, de orações como **Mandei-os saírem, Fazem semanas que não chove, Devem haver pessoas esperando**. Por detrás delas existe um raciocínio gramatical, mas errado. A falha dessas orações não costuma acontecer na variante lingüística popular que tem uma gramática que poda, sistematicamente, redundâncias. E a concordância verbal, que ocorre nos exemplos, é manifestação de redundância.

4. Arqueologia

Para muitos estudantes metaplasmo é coisa do passado, fóssil lingüístico do tempo das catacumbas; ledão engano: os metaplasmos, sobretudo os de supres-

são, estão bem vivos na boca dos cultos e dos incultos, na chamada língua nossa de cada dia.

Exemplos? Alguns, entre dezenas: **aférese**: você > ocê > cê; até > té; acabar > cabar; está > tá; **síncope**: chacarina > chacrinha; aboborinha > abobrinha; xicarinha > xicrinha; **apócope**: vamos > vamo; vender > vendê; ir > i; ontem > onte; **haplologia**: paralelepípedo > paralepípedo; **hipérese**: lagartixa > largatixa; caderneta > cardeneta; dentro > drento; **ditongação**: pôs > pois; dez > deiz; **assimilação progressiva**: seja > seje; esteja > esteje; assimilação regressiva: mexerica > mixirica etc.

5. Que diferença faz?

Interessante verificar como os erros de ortografia e acentuação gráfica têm grande repercussão e costumam chocar bastante, inclusive os que pouco ou nada entendem de língua e de gramática. O erro de sintaxe, porém, embora muito mais grave, porque pode prejudicar a comunicação, não alcança tanto sucesso.

Quanto ao erro de acentuação é bom lembrar que ele é, meramente, conjuntural; uma penada do Presidente da República é o suficiente para acabar com todos os acentos; então, ninguém mais errará... Não se trata de falha de natureza lingüística; é, apenas, transgressão a uma lei federal que, por sua vez, não comina qualquer pena ao infrator. Acento de mais ou acento de menos não leva ninguém à cadeia...

Também é bom lembrar que há línguas que não têm qualquer acento (o Inglês, por exemplo, só para citar um idioma importante) e funcionam muito bem.

O erro ortográfico, que tanta indignação provoca, é julgado com mais rigor ainda. Entretanto, só excepcionalmente ele afeta a comunicação.

6. Eta memória!

A propósito: erro ortográfico pode ser tão-somente sinal de memória fraca? Parece que sim. Se alguém escrever **chato** com x (xato), provocará, certamente, grande escândalo; não menor escândalo será alguém escrever **gente** com j (jente que, por sinal, já foi correto) ou **casa** com z (caza); **chuchu** com x (xuxu) e **extravasar** com z (extravazar) causarão horror menor; e **soçobrar** com ss (sossobrar) ou **ojeriza** com g e s (ogerisa), com certeza, não causarão espanto, porque ou as pessoas acharão corretas ambas as grafias ou terão dúvida sobre se

elas são ou não corretas. Entretanto, intrinsecamente, todos os erros apontados acima têm a mesma gravidade: escrever **xato** não é mais grave ou mais errado que escrever **sossobrar** ou **ogerisa**. Na verdade, o escândalo, no campo da grafia, está muito relacionado com o potencial de uso da palavra: se é bastante empregada, não se perdoa a quem escrever errado; se é pouco usada, o perdão vem fácil.

Conclusão: o que mais se censura, ao final das contas, não é propriamente a ignorância ortográfica, mas a galinácea memória do falante...

7. Prestígio, prestígio ...

Apesar de ser o oitavo idioma mais falado no mundo, a terceira língua ecumênica e a segunda língua neolatina mais falada, o Português ainda é, em 1996, mais ou menos, a mesma “sepultura” de que fala Bilac em famoso soneto.

Isto tem muito a ver com o seguinte: o prestígio internacional de uma língua depende, em grande parte, do prestígio do povo que a fala. Onde se escreve prestígio, leia-se poder econômico.

8. Sonhando

O sonho de Zamenhof, bem como dos outros criadores de dezenas de línguas artificiais, era fazer do Esperanto (“O que espera”) um código lingüístico que se sobrepusesse ao código de cada povo, com imensas vantagens de ordem prática para todos. Até hoje, esse sonho não se tornou realidade por várias causas que não cabe apreciar, agora. Mas, supondo que o Esperanto se torne, efetivamente, a segunda língua de cada povo, que acontecerá? Com certeza, duas coisas:

a) na condição de língua viva, o Esperanto começará, fatalmente, a sofrer modificações, o que é indesejável, quando se trata de idiomas artificiais;

b) tais modificações serão diferentes nos diversos países, pois a língua nativa atuará como substrato em relação ao Esperanto (superestrato), deixando nele marcas próprias.

Em outras palavras: o Esperanto vai modificar-se no Japão, sofrendo influência do idioma japonês; no Brasil, terá marcas do nosso Português; na Alemanha, do alemão, e assim por diante.

Conclusão: a língua do polonês sonhador deixará de atender à finalidade para a qual foi criada, exatamente quando se transformar, de fato, numa língua internacional. É uma pena.

9. O mais que ajuda

A redundância, que é a informação dada mais de uma vez, pode, em muitas ocasiões, funcionar na comunicação como antídoto para o ruído.

10. Erre à vontade...

O erre, no Português do Brasil, é produzido de várias maneiras: à moda carioca, à moda caipira etc.; há erres para todos os gostos; pode-se achar determinada pronúncia mais bonita ou mais agradável que outra; mas esta é uma questão subjetiva e não lingüística: perante a língua todos os erres são iguais e todas as maneiras de produzi-los são também corretas.

11. Desculpinha

Muita gente, para quem o Português é apenas análise sintática (“Nunca consegui aprender isso...”) ou acentuação (“Também, estão sempre mudando os acentos...”), costuma justificar suas falhas lingüísticas, dizendo que a gramática portuguesa muda todo dia.

Conversa tola. Não só não muda todo dia, como não muda, basicamente, desde os gregos do século V a.C. Assim mudasse...

12. Restos de naufrágio

Costumam os gramáticos normativos classificar “Socorro!”, “Fogo!” e enunciados análogos como interjeições. Uma análise mais acurada, porém, vai mostrar que “Socorro!” e “Fogo!” não são interjeições, mas restos de segmentos de uma estrutura profunda, a qual, por questões de comunicação, não se manifestou totalmente na estrutura superficial.

13. Pelo ouvido

Parece não haver dúvida de que uma das causas da crise da língua escrita, no Brasil (e, quem sabe, no mundo), é o fato de as pessoas, hoje, mais que ontem, se informarem principalmente através da língua falada.

14. “Vox populi”

Bom exemplo de redundância temos em orações como **Ela toma dois bons ovos frescos por dia**. A mesma informação (de plural) é dada, aí, cinco vezes!

O povo, entretanto, poda as marcas pleonásticas porque percebe, com apurada intuição, que elas não fazem falta — tinha razão Manuel Bandeira: “... língua errada do povo / língua certa do povo” — e produz, então: **Ela toma dois bom ovo fresco por dia**. Agora, a informação de número é dada uma só vez, através do quantificador **dois**.

Se considerarmos como comunicação ideal aquela em que não há desperdício nem insuficiência de material lingüístico, a versão do povo é melhor que a versão culta. Trata-se, aliás, de forte tendência do Português contemporâneo: **dois quilo, três aluno, as mesa nova** etc.; tendência que já é fato, por exemplo, em Inglês, que não pluraliza o adjetivo.

15. “Se non è vero ...”

Dizem os dicionários que poliglota é a pessoa que “**sabe** ou fala muitas línguas”; mas será que existe alguém que sabe ou fala mesmo muitas línguas? É possível isso?

As coisas não são tão fáceis assim. Na verdade, parece que os ditos poliglotas são aqueles que conhecem apenas o essencial de um idioma. Nada mais que isso. Para se conhecer profundamente uma língua uma vida é pouco.

16. Taco a taco

Lingüisticamente falando, um analfabeto, como falante nativo do Português, não é inferior ao mais culto dos intelectuais. Ambos têm competência (no sentido que lhe dá Chomsky) e, portanto, estão, lingüisticamente, em pé de igualdade. Para o lingüista, Rui Barbosa não é superior ao caipira e, em termos de pesquisa, o desempenho falado do humilde tabaréu é bem mais interessante que o belo estilo barroco do grande tribuno baiano.

17. Com graça e sem graça

Escrever corretamente e escrever bem são coisas diferentes: escrever corretamente significa, em última análise, não transgredir qualquer regra estabeleci-

da pelos gramáticos normativos; por isso, um texto correto pode ser, sumamente, sem-graça; um texto correto pode não ser ou estar bem escrito; escrever corretamente é obrigação de todos; escrever bem (que pode incluir até o escrever errado) é a grande meta, o grande ideal estético dos escritores de raça, luta contínua que não conhece ponto final.

18. Ele pode...

A propósito: pode o escritor transgredir as regras gramaticais?

Pode, pelo menos, por dois motivos: a) porque ele tem consciência da transgressão que comete; b) porque ele tem um objetivo estético, literário, estilístico, ele está criando uma obra de arte, através da palavra.

A gramática não pode castrar a criatividade do escritor para o qual, muitas vezes, ser expressivo é mais importante que ser correto.

19. Escravo da língua

Toda língua — e, portanto, também o Português — tem uma programação nos planos sintático, semântico e morfológico. Erro, então, do ponto de vista lingüístico, pode ser definido como o resultado de alguma transgressão àquela programação, em qualquer daqueles planos. Assim, uma oração como **Nóis vai pra Santa Fé do Sul** é de registro baixo, mas não está errada; porém, **Do Fé nós Sul Santa pra vai** está errada, porque constitui uma seqüência que infringe as regras de relacionamento entre as palavras; por isso, não passa qualquer informação. Não se comunica aquele que não se submete à programação da língua.

20. Você também

Quem pode inventar palavras em Português? Só os grandes escritores? Não. Quem quiser. Condição “sine qua non”: não transgredir a programação morfológica do Português. Vide, como exemplo de primeira, Guimarães Rosa.

21. Mesmo drama

A criança, ao aprender a falar, certamente reedita, de algum modo, o drama vivido pela humanidade para a aquisição da linguagem, via interjeições e onomatopéias.

22. A falha é sua

Toda língua, ainda que tribal (há línguas mais importantes, porém, não melhores, intrinsecamente, que outras), põe à disposição de seus usuários todos os recursos (sintáticos, léxicos, estilísticos etc.) de que necessitam para a exteriorização de qualquer idéia ou sentimento, por sutis que sejam. Se a comunicação não ocorre ou não é eficiente, não é por falhas da língua, sistema perfeito em si, mas por deficiências do falante.

23. Esperar o quê?

A exemplo do que ocorre com os costumes sociais, está o Português sofrendo mudanças, nestas últimas três ou quatro décadas, com uma velocidade, provavelmente, nunca dantes havida; é por isso também que está cada vez mais difícil “segurar” o Português culto; isto tem implicações até com a nossa expectativa em relação ao desempenho lingüístico das pessoas; expectativa que também está mudando muito.

24. Parte sensível

O vocabulário de uma língua reflete muito o momento histórico vivido pela sociedade que fala essa língua. Esse momento histórico provoca a morte de alguns vocábulos (arcaísmos) e o nascimento de outros (neologismos) com o que se mantém o equilíbrio do léxico. Há, também, o caso de palavras que, num dado momento, passam a ser muito usadas por força de algum acontecimento significativo.

Os grandes dramas sociais, as expectativas, as frustrações e os sonhos de uma geração o léxico sempre os registra.

25. Zás-trás

O processo de metaforização, que é um mecanismo lingüístico-psicológico altamente enriquecedor dos recursos de expressão, é simples e pode concretizar-se através de apenas quatro etapas: a) existência de A e B; b) A diferente de B; c) A como B (comparação); d) A = B (metáfora).

26. Enganações

A teoria gramatical vigente entre nós (greco-latino-medieval, via França e Portugal), que não descreve nem explica satisfatoriamente o Português em suas várias modalidades de produção e uso, continua resistindo bravamente às conquistas da Lingüística moderna. Que tal aconteça é, no mínimo, bastante intrigante, como é intrigante também, verificar que, geralmente, o precioso conteúdo de teses universitárias demora ou não chega nunca, trocado em miúdos, às salas de aula de nosso maravilhoso ensino de primeiro e segundo graus, público e particular. Ou seja: de um lado, grandes progressos, novos e convincentes conceitos, hipóteses bem-formuladas e bem-fundamentadas; de outro, as tolices gramaticais de sempre, ditas com crescente entusiasmo e primorosamente divulgadas em moderninhos livros didáticos e vistosas apostilas de cursinhos.

27. “Roma locuta”...

Está havendo inversão de valores em matéria de Português, no Brasil: a teoria gramatical está sendo suplantada pelo dicionário; pior ainda: por um determinado dicionário — o melhor que temos, por sinal — o do sempre lembrado mestre Aurélio. (Já o Aurélio Buarque de Holanda qua dá lição de leitura sagaz de poema na sua obra “Território Lírico” é, injustamente, pouco conhecido). É o grande árbitro a quem recorreremos todos: se está no Aurélio, está certo; não está no Aurélio, não existe ou está errado. Esse dicionário passou a ser o argumento que encerra discussão e impede recurso a instância superior.

Claro que esta situação, em parte, é conseqüência do mau ensino escolar do Português; mas, de qualquer maneira, não se pode dizer que vai bem uma língua, cujas regras e uso escapam de uma teoria lingüística e passam a ser controlados pelos registros de um calepino.

28. Um dia, talvez...

A maioria dos nossos gramáticos ainda não conseguiu perceber que o chamado superlativo relativo nada mais é que uma das possíveis manifestações superficiais do comparativo de superioridade. Perceberão, um dia?

29. Culto X curto

Em “O Colocador de Pronomes”, divertida sátira de Monteiro Lobato aos gramaticóides, temos bom exemplo de não comunicação no diálogo entre Aldrovando Cantagalo e o humilde ferreiro, pelo fato de usarem registros lingüísticos totalmente diferentes; o registro alto do “mártir da língua e “primeiro santo da gramática” não passa de ruído para o ferreiro; daí o desastrado desencontro entre o culto emissor e o ignaro receptor.

30. “O tempora, o mores!”

Chico’s Bar ou Bar do Chico? Não tendo qualquer informação sobre os dois estabelecimentos, em qual deles você entraria?

A propósito: se vivo, que diria Camões a respeito do nosso “portinglês? No mínimo, com toda a certeza, riscaria dois versos do Poema:

“...língua na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê que é a latina”. (I,33)

31. Sim ou não?

Para o falante do Português, do ponto de vista do uso prático, é vantagem ou desvantagem a existência do infinitivo pessoal?

32. Pé no chão

Entre outras coisas, espera-se que do projeto NURC resulte maior adequação do ensino escolar do Português à realidade lingüística do país e que passemos a ter uma gramática **brasileira** do Português culto.

33. Sem saída

Definição de sujeito nas melhores gramáticas: “O sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração”. Portanto, em orações interrogativas (Você vai viajar?) e imperativas (Venha aqui.) não há sujeito porque, se existe interrogação ou ordem, não existe declaração. Como ficamos?

34. “Proh pudor!”

O país que leva a sério o ensino da sua língua oficial, certamente, não deve permitir que se ensine idioma estrangeiro às crianças, antes que terminem o curso primário; no caso brasileiro, antes que concluam a quarta série. Se é verdade que criança tem cabecinha boa para aprender línguas, não é menos verdade que se deve deixar essa cabecinha livre para que haja uma interiorização mais sólida das regras da língua nativa.

Em outras palavras: o Brasil deveria proibir (por lei) o ensino de língua estrangeira a crianças, antes da quinta série; a partir desta, sim, vai bem a aprendizagem de línguas estrangeiras ensinadas com seriedade e competência. Mas, enquanto isso não acontece, muitas escolas continuam oferecendo, ao lado de produtos como computação, ginástica, dança etc., o ensino da Língua Inglesa, para delícia dos pais que ficam felizes, porque a filhinha adorada já sabe falar papai e mamãe em... Inglês...

José Paulo Paes, uma das cabeças mais lúcidas deste país, em matéria de língua e literatura, em entrevista à revista “Veja” (03-04-96), diz: “... fico preocupado com essa mania de colocar crianças que ainda nem sabem português para estudar inglês, por exemplo. É um absurdo. Trata-se de puro reflexo da síndrome de mazombismo que acomete toda a formação cultural do Brasil. (...) Toda vez que fico sabendo de alguém que resolveu educar os filhos em inglês antes do português me vem uma sugestão: entreguem-nos por adoção por um casal americano. Fica mais barato e é mais explícito”. Falou e disse.

35. À moda da casa

Certamente, uma das causas do mau ensino de Português, no Brasil, se deve à inexistência de um programa nacional básico. A situação é de bagunça total: cada um ensina o que quer; não há nenhuma seqüência, não se parte do mais simples para o mais complexo, não há nenhuma articulação entre as partes; reina o caos, e a impressão que fica para o aluno é exatamente esta: em todas as séries ensina-se sempre a mesma coisa; o aluno não sente que há progressão no estudo da língua.

A coisa é tão absurda que o conteúdo básico, muitas vezes, varia de uma classe para outra da mesma série, no mesmo período, na mesma escola.

A solução seria, portanto, a implantação de um programa nacional a ser desenvolvido nas escolas públicas e nas particulares, variando, apenas, a profundidade com que os assuntos e atividades seriam focalizados, respeitando-se, evidentemente, condições específicas de região, localização, perfil socioeconômico da clientela etc.

36. Teoria X prática

Não é novidade para ninguém que vai mal o Português dos meios de comunicação de massa. Focalizemos, agora, apenas o caso dos jornais. Alguns, como a **Folha de S. Paulo** e **O Estado de S. Paulo**, tomaram consciência da importância da questão e, há vários anos, criaram os seus “manuais de redação” que, entre outras coisas, colocam à disposição de seus redatores um conjunto de regras gramaticais e normas específicas; fixam, por assim dizer, uma política de correção lingüística própria (discutível, aliás, em vários pontos).

A preocupação com um bom Português é, naturalmente, bastante louvável; só merece elogios. (A Folha de S. Paulo, por exemplo, chegou a fazer, no segundo semestre de 1995, levantamento dos seus erros de Português e parece ter ficado feliz com os resultados, que a colocaram em vantagem sobre os principais concorrentes de S. Paulo e Rio de Janeiro: obteve média de 0,28 erro por módulo (uma coluna de alto a baixo da página), o que representa 1,68 por página, só de texto). Mas há um outro lado: na prática, os “manuais de redação” estão produzindo os resultados desejados? Nem sempre; basta ler os jornais: há erros de Português para todos os gostos e exigências, todos os dias, em quase todas as páginas.

Bem, a questão é esta: o jornal ter o seu manual é uma coisa; os seus redatores entenderem e aplicarem corretamente as regras do dito manual é outra; um pequeno exemplo: o manual informa que determinado verbo com determinado significado é transitivo indireto; é necessário saber se o redator sabe o que é verbo transitivo indireto; outro exemplo: o manual diz que toda oração subordinada adjetiva explicativa deve ficar isolada por vírgulas; o redator saberá identificar tal oração?

A coisa, então, não é tão simples, como parece. Os jornais continuam maltratando o Português, todos os dias, apesar dos “manuais”. Isto mostra que é preciso ir além, muito além: os jornais, principalmente os grandes, precisam ter, entre seus funcionários, bons assessores gramaticais (professores de Português) com a precípua finalidade de corrigir todas as matérias e explicar a correção ao respectivo autor; e mais: obrigar o redator a consultar bons dicionários; faz bem para ele e para os leitores...

37. Quem diria...

Em 1901, Alberto Lessa publicou em Lisboa, pela Livraria Central de Gomes de Carvalho, Editor, estabelecida na Rua da Prata, 160, “A Gíria Portuguesa”

(Esboço de um dicionário de “calão”), “contendo uma larga cópia de termos e frases empregadas com as respectivas significações, colhidas na tradição oral e em documentos, livros e jornais antigos e modernos, incluindo muitas palavras ainda não citadas como de gíria, em dicionário algum”. (A obra tem prefácio de Teófilo Braga).

O curioso é que na relação de Alberto Lessa estão palavras e expressões gíricas que passam por recentes, como **andar na lua, abiscoitar, a dar com pau, armar um banzé, bate-boca, bolada, bolacha, patota, rolo, chato** e outras. Eram usadas com o mesmo significado de hoje.

O fato confirma duas coisas: a) uma parte da gíria acaba incorporando-se ao vocabulário popular corrente; b) as palavras podem sair de circulação e, posteriormente, podem, por alguma razão, voltar a circular.

38. Questiónculas

a) **Vou ir**. Certo ou errado? Certo. Vejamos: se dizemos, com acerto, **Vou brincar** (= brincarei), **Vou jogar** (= jogarei), **Vou correr** (= correrei), por que não podemos dizer **Vou ir** (= irei)? **Vou**, em tais casos, não está empregado, obviamente, como verbo de movimento, mas como indicador de subsequência; daí o valor de futuro. A construção pode ser desaconselhada por soar cacofônica para muita gente, mas cacofonia não é erro; é só mau gosto.

Mais: dizemos, sem arrepios: **Vou indo** (mesma situação, com troca do infinitivo pelo gerúndio); em **Vem vindo** temos, também, duas vezes o verbo **vir**; **vem** passa a idéia de aspecto cursivo.

Conclusão: **Vou ir, vou indo, vem vindo** são locuções verbais perfeitamente corretas.

b) **Xerocar** ou **xeroxar**? Ambas corretas, com diferença de registro: **Xerocar** é popular, **xeroxar** é variante culta.

Xeroxar forma-se pelo mecanismo simples de acréscimo do sufixo — **ar**: **xerox** (ou **xérox**) mais — **ar**=**xeroxar**; quanto a **xerocar** parece claro que a presença da oclusiva surda **c** (= **k**) se deve ao fato de, no caso, o **x** de **xerox** ser igual a **ks**.

c) **Pré-datar** ou **predatar**? Para o comerciante tanto faz, desde que o cheque tenha fundo; o uso consagrou a grafia com hífen: assim está nos meios de comunicação, na correspondência bancária, comercial, na publicidade etc. E assim está também no Aurélio!

Pergunta-se: se escrevemos **pré-datar**, por que não escrevemos, também, **pré-determinar**, **pré-definir**, **pré-dizer**, **pré-fazer**, **pré-existir**, **pré-estabelecer** etc.?

Muitos escrevem, também, pré-fixado: juros pré-fixados. Que tal? Vamos acrescentar um **pré-fixo** às palavras? Não; acrescentemos um **prefixo** para que a palavra, como os juros, fique **prefixada**.

E quem pode explicar por que os dicionários registram **co-herdar** e **coabit**? Temos aí dois verbos iniciados por **h** e, por coincidência, da mesma conjugação e com o mesmo prefixo (co-). Dá para entender?

d) Palavrinha que anda dando trabalho nos arraias universitários e de comunicação é **campus**. Ou **câmpus**? Ou, simplesmente, **campo**? E o plural como fica?

Há três saídas:

1— escrever na forma latina, com aspas: “campus”(singular) e “campi” (plural); 2— aportuguesar: teríamos, então, **câmpus** (singular e plural), como temos, há tempo aportuguesadas, as palavras **vírus**, **ônus**, **bônus**; 3— traduzir: teríamos, simplesmente, **campo** (singular) e **campos** (plural), como temos currículo (s), momorando (s) etc.

Descabido é usar a forma aportuguesada **câmpi** para o plural: os câmpi, já que a terminação **-i** é plural em Latim, mas não em Português, cujo plural continua, apesar de tudo, sigmático.

Se a comunidade acadêmica não se apegasse tanto a palavras (“Inania verbal!”), poderia substituir, facilmente, **campus** por, por exemplo, **unidade** ou **sede**. E o “imbroglio” estaria resolvido.

e) De quando em quando, parece que, por acordo tácito, intelectuais e outros espécimes resolvem deslumbrar-se com velhas palavras ou expressões, que desenterram ou a que dão novos significados, e passam a usá-las à exaustão. Daí que muitos não consigam comunicar nada, se não se apoiarem em coisas como **a sociedade como um todo**, **vontade política**, **exercício da cidadania**, **reengenharia**, **cooptar**, **práxis**, **por uma sociedade justa e fraterna**, **não é ético nem moral**, **carisma** (geralmente, mal-usado), **agendar** (tudo, agora, é, está ou fica agendado) e os horríveis **colocar que** e a **nível de**.

E estejamos preparados: o “informatiquês” está invadindo a Língua Portuguesa, ou melhor, “acessando”... Salve-se o que puder!

DE LITERATURA

1. "Traduttori, traditori"

Traduzir texto não literário, tudo bem: é só transpor a informação de um código lingüístico para outro. Mas traduzir texto literário é possível? Lingüística e estilisticamente, não. As traduções, entretanto, estão aí, sempre estiveram, sempre estarão. Indeadidamente. O importante é que aquele que está lendo uma obra traduzida, por exemplo, de Dante, de Cervantes, de Vítor Hugo ou de Shakespeare, saiba que não está lendo nenhum deles, mas está lendo, sim, João da Silva que os traduziu (e traiu...). Autor estrangeiro ou se lê no original ou se tem idéia do que ele escreveu, lendo-o em Português.

2. Antagonismo

Já não tem o menor sentido a velha questão envolvendo literatura e jornalismo: são a mesma coisa? Óbvio que não: as duas se opõem na gênese, no modo de ser e nas finalidades.

O jornalismo, arquivo da História, renasce todos os dias e se realiza sob a pressão do tempo e do espaço (material, tipográfico), para ser consumido no mesmo dia. (André Gide: "Chamo jornalismo tudo o que interessará menos amanhã do que hoje"; o jornal é produto de rápido envelhecimento; é como pão: se não comido no dia, fica "amanhecido"). A literatura nasce, misteriosamente, do poder de intuição de alguns privilegiados diante dos acontecimentos da vida e se concretiza através de longa gestação, para ser consumida e redescoberta ao longo dos tempos.

Se a literatura só é, verdadeiramente, literatura, na medida em que consegue criar uma supra-realidade, o jornalismo só é, verdadeiramente, jornalismo, na medida em que consegue ser absolutamente fiel à realidade; do contrário, em ambos os casos, haverá negação de suas finalidades.

O jornalismo deve mostrar a vida como ela vai acontecendo, com imparcialidade, através do vocábulo univalente; e será mau, se o que relata possibilitar mais de uma leitura; a literatura, por sua vez, retrata a vida, não como ela é, mas como ela é para o autor, através da palavra polivalente. E será tanto melhor quanto mais leituras provocar, quanto mais problematizar a vida para o leitor.

3. Como dantes

A telenovela de hoje é o folhetim de ontem, com nova roupagem. No século passado, em 1856, leitores paulistanos aguardavam ansiosamente a vinda do

jornal “Diário do Rio de Janeiro” que trazia o último capítulo de “O Guarani”, de Alencar, e o devoravam agrupados à luz de algum lampião de rua.

Mudaram os meios, mas a avidez popular pela ficção é a mesma.

4. Sim ou não?

A obra que é êxito de livraria, mais conhecida como “best-seller”, é literatura ou sublitteratura?

5. “Nihil novi”

O assunto e o tema de “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa, não são novos na Literatura Brasileira: já haviam sido explorados, pelo menos, por Bernardo Guimarães, em “O Ermitão de Muquém”, e por Alencar, em “O Ermitão da Glória”; o tema da conversão, da virada para Deus, é rotineiro também na hagiografia. Mas nenhum outro escritor brasileiro o explorou com tanta originalidade e com a especial língua roseana de sempre.

6. Sete fôlegos

Decretam os manuais de Literatura Brasileira que o Parnasianismo terminou em 1893, início do Simbolismo. Terminou, sim, oficialmente, didaticamente falando, nas salas de aula, mas, fora daí, continua vivo e muito vivo, coexistindo, com extraordinária saúde, com o Modernismo, escola literária oficialmente vigente, só conhecida pelos segmentos mais escolarizados da sociedade. Para o povão brasileiro Drummond, Bandeira, Cecília Meireles não existem; Bilac existe.

7. Suadouro

A rima pode ser elemento negativo e perturbador nas mãos do mau poeta; enquanto o bom poeta a doma, o de segunda classe é por ela domado: o poema, que deveria transmitir determinada mensagem, acaba transmitindo o que as rimas achadas vão determinando.

Poesia rimada está mais para transpiração que para inspiração...

8. Alencar na frente

Alencar e Machado de Assis, que Tristão de Ataíde considerava as duas grandes vertentes do romance brasileiro, foram diferentes em quase tudo; linguisticamente, por exemplo, Machado foi um conservador, enquanto Alencar foi um inovador que muito brigou em favor de um estilo brasileiro. Se, sob muitos aspectos, o conciso criador de *Capitu* leva vantagem sobre o prolixo criador de *Iracema*, este, do ponto de vista lingüístico, é bem mais importante e interessante que aquele. (Sugestão para pesquisa: o ideal de renovação lingüística em Alencar e Mário de Andrade — e sua “Gramatiquinha” — que disse: “Alencar, meu irmão”.)

9. Excesso de gordura

E por falar em Alencar, como explicar o fato de ter ele escrito uns vinte romances e nenhum conto? Uma hipótese para responder: Alencar não cabia no conto, não havia como conciliar tanta imaginação (mais estilo derramado e redundante) com as regras de concisão e parcimônia que a arte de contar exige. O conto é forma (ô) acanhada e imprópria para imaginações exuberantes.

10. Metaforicamente

“O povo que chupa o caju, o cambucá e a jabuticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pêra, o damasco e a nêspera?” Com esta pergunta, Alencar focaliza muito bem o problema do Português do Brasil e das línguas transplantadas, em geral. O romance brasileiro, insistia Alencar, tinha de ser escrito num Português com sabor de Brasil.

11. Livro na praça

O sucesso de uma Bienal do Livro, geralmente tão apregoado pelos meios de comunicação, pode ser enganoso. Afinal, ela é visitada e consumida exatamente pelos que já estão, alegremente, contaminados pelo vírus da leitura (sem falar das centenas ou milhares de escolares que ônibus de excursão despejam de hora em hora); o povo continua ausente. Por que não inverter as coisas e levar a Bienal ao povo, às praças públicas (“A praça, a praça é do povo/ Como o céu é do condor” já clamava Castro Alves), inclusive do Interior?

12. Mapa da mina

Dos três melhores filões da poesia épica brasileira — religião, indianismo e bandeirismo — este parece ser o que melhor matéria oferece; tem, de fato, ingredientes bastante apropriados; apesar disso, não temos muita coisa além de “O Descobrimento das Esmeraldas”, do enigmático Grasson Tinoco, e do belo épico-lírico “O Caçador de Esmeraldas”, de Bilac, que, aliás, em matéria épica, sempre sonhou muito alto. (Mais recentemente, o longo poema de Carlos Alberto Nunes: “Os Brasileidas”).

13. Questão de qualidade

Se somarmos os cantos dos poemas épicos nacionais, geralmente focalizados pelos manuais de Literatura Brasileira, teremos uns cento e vinte. Valerão eles um canto de “Os Lusíadas”?

14. E daí?

É incalculável a tinta que já se gastou e se continua a gastar para explicar e enaltecer os famosos heterônimos de Fernando Pessoa. Livros e livros, teses universitárias, conferências, congressos, mesas-redondas...

E se Fernando Pessoa não tivesse inventado os heterônimos? Que diferença faria? Mudaria nosso juízo a respeito dos geniais textos que eles produziram? Se “Ode Triunfal” ou “Ode Marítima” ou “Tabacaria” ou “Poema em Linha Reta” não fossem de Álvaro de Campos e, sim, de Ricardo Reis, que aconteceria? Valeriam menos? E se não fossem sequer de Fernando Pessoa?

Afinal, em literatura, como, de resto, nas artes em geral, o que é que vale: o produtor ou o produto? Ou o produto vale em função do produtor? O produto literário não tem valor em si? Para apreciar, fruir ou entender um texto literário é necessário saber quem o produziu? Para gostar de um quadro preciso saber quem o fez? E só vou gostar de uma sinfonia de Beethoven, porque sei que é de Beethoven?

15. Utopia

Na mesma linha de pensamento: uma história ideal da literatura, em que esta fosse tratada exclusivamente pela sua natureza estética, não deveria conter

nomes de autores. Não interessa saber quem escreveu “Os Lusíadas”; interessa é o poema “Os Lusíadas” em si. Ou não?

16. Documento

Não é finalidade do texto literário ser documento lingüístico, mas, na realidade, ele, muitas vezes, acaba sendo e dos mais preciosos, principalmente, quando se trata de prosa de ficção. Romances como “Inocência”, “Memórias de um Sargento de Milícias”, “O Seminarista” e outros documentam muito a realidade lingüística nacional do século passado.

17. Injustiça

Ciro dos Anjos (“Abdias” e “O Amanuense Belmiro”) e Antônio Olavo Pereira (“Fio de Prumo” e “Marcoré”), romancistas brasileiros dos bons (da linha machadiana), ainda não receberam dos críticos a atenção que merecem.

18. Conversa fiada

O diálogo, cheio de sensualidade, entre Conceição e o personagem narrador, nessa obra-prima de conto que é “Missa do Galo”, de Machado de Assis, contém algo do que Jakobson chama de função fática da linguagem. Com efeito, os referidos personagens ficam conversando, não propriamente porque têm algo a dizer: a conversa toda é mero expediente para um segurar o outro, para os dois ficarem juntos.

19. Por que não escrevi?

E por falar em conto que é obra-prima, “Peru de Natal”, de Mário de Andrade, também não o é? Machado de Assis, com certeza, teria gostado de o ter escrito.

20. Triste fim

O desejo de todo escritor é, sem dúvida, ser muito lido e não tornar-se pergunta de vestibular, tese de mestrado, picado, dissecado, virado, amassado, glorificado e arquivado...

21. Madeira de lei

Uma obra literária é de conteúdo universal, se mandar recado para o homem de todos os lugares e de todos os tempos. É o caso dos textos que trazem alguma reflexão sobre a condição humana. Bom livro é aquele que resiste a mais de uma leitura.

22. Eterna procura

A história das literaturas não é mais que uma sucessão de propostas estéticas: cada escola literária apresenta a sua que, naturalmente, considera a melhor e que se opõe à proposta da escola anterior e que será contestada e substituída pela proposta da escola posterior. Procura, afinal, do verdadeiro ideal estético; e isto é parte de uma preocupação maior: o homem à procura da Verdade.

23. Dois em um

Outro nome para o Modernismo (de 22): Romantismo do século XX ou Neo-romantismo, tantos são os pontos comuns entre ambos; a liberdade criadora é, certamente, o principal e é o grande achado desses dois movimentos literários.

24. Inocência

Parece que o primeiro escritor a focalizar o povo, na Literatura Brasileira, foi Manuel Antônio de Almeida, em “Memórias de um Sargento de Milícias”; seria possível que, até então, algum leitor ingênuo pensasse que, no Brasil, só havia as belas e doces donzelas e os ricos doutores dos nossos romances românticos.

25. Apenas, primeiros

Os iniciadores de escolas literárias nem sempre são os melhores: Garrett (Romantismo português), Góncalves de Magalhães (Romantismo brasileiro), Teófilo Dias (Parnasianismo brasileiro) quem, ainda, os lê?

Neste caso, como se vê, os primeiros são os últimos...

26. “Gaetaninho”

Sugestão para tese (se, ainda, não existe): o imigrante na Literatura Brasileira. Há muita coisa interessante para ser mostrada. Ponto alto será, sem dúvida, a obra de Antônio de Alcântara Machado, cujo grande personagem é o imigrante italiano.

27. Frustração

“A vida inteira que podia ter sido e que não foi” (“Pneumotórax”) caberia bem como epitáfio para seu autor, Manuel Bandeira.

28. Ciclo

Toda escola literária tem uma fase **pré** e uma fase **pós**. Na fase **pré** a briga é com a escola anterior (que é vencida); na fase **pós**, a briga é com a escola que vai despontando e que vence.

29. Prova do crime

As muitas epígrafes usadas pelos nossos poetas românticos são, ao mesmo tempo, indícios e prova de influências européias.

30. Olhar de lince

Definiçãozinha de artista: é, simplesmente, aquele que enxerga mais que o comum dos mortais. Ser classificado como escritor, pintor, escultor etc. é, apenas, um detalhe: decorre do instrumento que utiliza para produzir arte.

31. Marcha à ré

Por que não ensinar Literatura Brasileira no segundo grau, começando pelo Modernismo, em vez de começar pelo Barroco? Seria muito absurdo partir da literatura que se faz hoje e da qual os alunos são contemporâneos e testemunhas vivas para, aos poucos, ir-se afundando no tempo, até chegar ao medíocre Bento Teixeira e ao suave e piedoso Anchieta?

32. Sem incompatibilidade

Já é bastante expressiva, em diversos países, a bibliografia de trabalhos de análise literária feitos à luz de teorias lingüísticas (especialmente, da gramática gerativa de Chomsky).

Ao contrário do que se possa pensar, a Lingüística está perfeitamente aparelhada para abordar, com segurança e profundidade (leia-se “instrumental científico”), o fenômeno literário, apresentando resultados confiáveis através de conclusões bem-formalizadas.

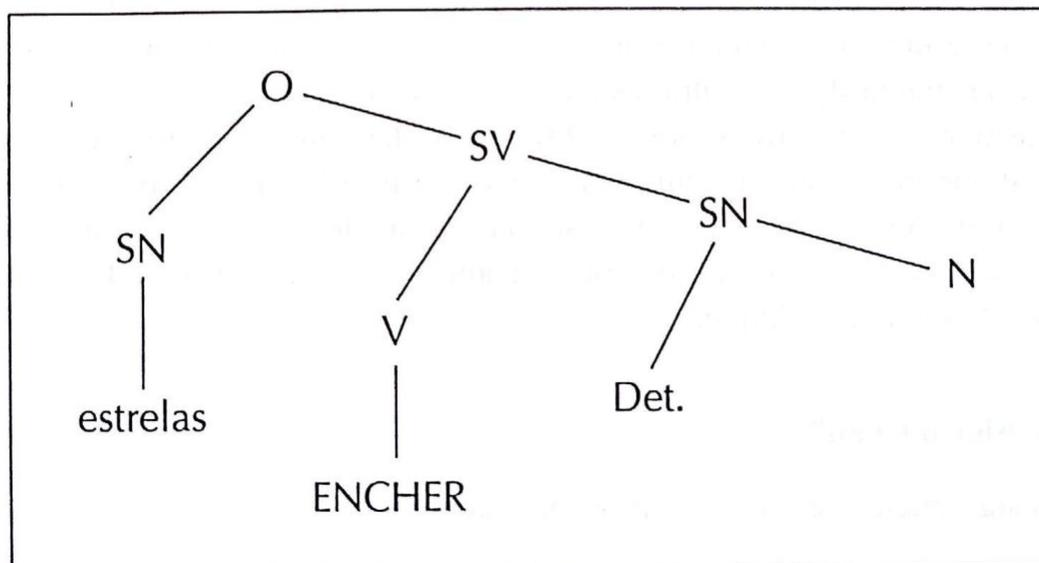
Não existe incompatibilidade entre o rigor da pesquisa lingüística e a liberdade criadora que caracteriza toda obra de arte e, portanto, também, a literária. O único risco seria a escassez ou ausência de sensibilidade, mas esta seria uma falha do analista e não da Lingüística.

33. Sem contra-indicação

A Teoria da Literatura, certamente, seria muito beneficiada, se recebesse uma injeção de Lingüística que lhe conferiria uma linguagem mais firme, mais precisa, mais “científica”.

34. Com rigor e precisão

Um pequeno exemplo: a estrutura profunda, que a simplificada árvore abaixo representa, pode superficializar-se de várias maneiras:



- a) Estrelas enchem o céu.
- b) O céu está cheio de estrelas.
- c) Está cheio de estrelas no céu.
- d) O céu é que está cheio de estrelas.
- e) Está cheio de estrelas é no céu.

Se, sob as mesmas condições, dada uma estrutura profunda e dadas diferentes estruturas superficiais de igual conteúdo semântico, o escritor escolhe sistematicamente a mesma estrutura superficial, diremos que essa preferência constitui um traço estilístico desse escritor. Se a noção de estilo está intimamente ligada à de escolha (“choix”), como afirmava Marouzeau, a escolha que se repete tem de ser, forçosamente, entendida como traço definido do estilo de determinado autor.

Conclusão: a preferência por certas estruturas sintáticas, que a Teoria da Literatura não costuma explicar satisfatoriamente, poderá ser explicada pela Lingüística, com rigor e precisão, a partir de transformações que atuam sobre as estruturas subjacentes.

35. Lei do consumidor

É sabido que existem três tipos básicos de conhecimento de uma língua: conhecimento prático (ao alcance de todos), conhecimento científico (ao alcance de quem quiser se dar ao trabalho de estudar cientificamente o idioma) e conhecimento estético. A este, que consiste em saber explorar esteticamente as possibilidades do sistema lingüístico, em saber trabalhá-lo com “engenho e arte”, menos pessoas têm acesso, pois requer, além de estudo, uma intuição muito especial, dom, muita sensibilidade. Todavia, não são poucos os que não se dão por achados enquanto não publicam alguma coisa. Daí uma das causas do baixo consumo de literatura, no Brasil: a má qualidade do produto, de que Carlos Drummond de Andrade se queixou, com a autoridade que poucos poderiam ter, numa de suas últimas entrevistas à imprensa.

Ortega y Gasset afirma que a “obra de caridade mais importante de nosso tempo é que não se publiquem obras desnecessárias”. Aqueles, pois, que, apesar de conhecerem mal a língua, costumam “cometer” poemas, crônicas, contos, romances etc. ouçam ao filósofo espanhol: sejam caridosos e tenham piedade de todos nós... Amém!

36. Sim ou não?

Poesia concreta é coisa séria ou brincadeira?

37. Cada uma ...

Está nos livros didáticos e em outros não tão didáticos: temos rima rica, quando as palavras com identidade de som pertencem a classes gramaticais diferentes; se pertencem a classes gramaticais iguais, a rima é pobre.

Mais pobre que a rima é, certamente, esse conceito: que relação existe entre classe gramatical e qualidade de som? Por pertencerem a classes gramaticais diferentes, **demente** (adjetivo), **mente** (verbo) e **mansamente** (advérbio) rimam ricamente, apesar de o segmento sônico **ente** ser de largo emprego na língua. Já **sicambro** e **zambro**, embora sejam provavelmente as duas únicas palavras portuguesas terminadas em **ambro**, constituem rima pobre, porque ambas são adjetivos.

Brincadeira tem hora, né?

38. Para quem pode

“Não há tempos de epopéia, reclamando poetas aptos para interpretá-los. Há — ou não há — poetas épicos, capazes de extrair seu alimento do contemporâneo mais álgido, como do passado, ou do futuro”. São palavras de Drummond de Andrade, a quem se dá toda a razão, quando se pensa, por exemplo, no caso singular do grande escritor grego Nikos Kazantzakis (também romancista — autor, entre outras obras, de “O Velho Zorba” — teatrólogo e tradutor) que, em 1938, publicou monumental poema épico intitulado “Odisséia”, como o de Homero, de que é continuação; mais extenso que a “Odisséia” e a “Ilíada” juntas, o texto tem 33.333 versos de dezessete sílabas.

Em literatura é bom contar sempre com o imprevisível.